

# FIDELIDADE EM TEMPOS DE TRIBULAÇÃO: PARA COMPREENDER A LITERATURA APOCALÍPTICA

VALTAIR MIRANDA  
valtair@stbsb.org.br

Doutorando em Teologia; Professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil; Autor de “O que é escatologia?”, entre outros. Pastor auxiliar da Primeira Igreja Batista de Neves, RJ. Conferência proferida na Semana Teológica promovida pelo Seminário Teológico Batista de Niterói Maio de 200

O livro de Apocalipse começa com as palavras “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João...” (Ap 1.1). O termo grego traduzido por “revelação” é *apocalipsis*, que, por sua vez, vem do verbo *apocalipto*, cujo significado é revelar, fazer conhecer, manifestar, fazer aparecer.<sup>1</sup> Mas será que nos dias atuais essas palavras representam o modo como de fato este livro bíblico tem sido lido e usado em nossas Igrejas, púlpitos e seminários? Esta é a pergunta a que tentaremos responder no presente texto.

## ❖ Apocalipse como gênero

Por ser a palavra de abertura, ela acabou dando o nome ao livro de João. Mas não há no contexto do livro qualquer sinal de que o termo “apocalipse” tenha sentido técnico para se referir a um tipo específico de literatura, ou um gênero literário definido.

Foi somente por causa da projeção que este livro ganhou dentro das comunidades cristãs que outras obras que se pareciam com ele, posteriormente, começaram a ser chamadas de “apocalipses”. O termo acabou virando uma expressão técnica para se referir a um tipo de texto.<sup>2</sup>

Entretanto, como ressalta John Collins, qualquer classificação de um livro como “apocalipse” é uso dos tempos modernos. Isso faz com que ele argumente que “um ‘apocalipse’ é simplesmente aquilo que estudiosos podem concordar chamar de ‘apocalipse’”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 66.

<sup>2</sup> RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 25.

<sup>3</sup> COLLINS, John J. *Introduction: towards the morphology of a genre*, p. 2.

Mas se não havia um gênero afirmado como tal, existiria uma corrente literária semelhante que antecederesse ao Apocalipse de João? Precisamos discutir alguns elementos para apontar uma resposta para essa questão. Primeiro, deve-se levar em conta que cada ambiente homogêneo desenvolve determinadas regras ou convenções para os processos de comunicação que se repetem com frequência, onde a forma de comunicação textual é condicionada pelo seu meio ou pela situação. Gênero literário seria, então, aquilo que Egger aponta como um conjunto de textos que apresentam características semelhantes quanto à forma, ao conteúdo e à função;<sup>4</sup> ou, segundo John Collins, como um grupo de textos marcados por características recorrentes distintivas que formam um tipo de escrito reconhecível e coerente.<sup>5</sup>

Em segundo lugar, ao analisar os livros denominados de apocalipses, John Collins encontrou elementos distintivos recorrentes suficientes para poder apontar essas obras como inseridas numa mesma tradição literária, constituindo um gênero reconhecível. Nesses textos sempre existe uma estrutura narrativa, na qual a revelação é descrita; o conteúdo sempre gira em torno de salvação escatológica (temporalmente futura) e realidades sobrenaturais presentes; as realidades espaciais e sobrenaturais sempre envolvem a atividade de seres angélicos e demoníacos sobrenaturais; a existência de outro mundo é um elemento constante.<sup>6</sup> A partir disso, ele define “apocalipse” como

Um gênero de literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural para um agente humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, à medida que considera a salvação escatológica, quanto espacial, à medida que envolve outro mundo sobrenatural.<sup>7</sup>

Collins ainda argumenta que dentro do mesmo conjunto então denominado de “apocalipse” existem tipos diferentes de textos que poderiam refletir grupos religiosos tradicionais. Estes apocalipses se dividiriam pelo meio da revelação e pelo tipo de conteúdo revelado. A mais clara e fundamental distinção que faz é entre apocalipse sem viagem

---

<sup>4</sup> EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 145.

<sup>5</sup> COLLINS, John J. op. Cit., p. 1.

<sup>6</sup> COLLINS, John J. op. Cit., p. 9.

<sup>7</sup> COLLINS, John J., op. Cit., p. 9; COLLINS, John J. *The apocalyptic imagination: an introduction to the Jewish matrix of Christianity*. New York: Crossroad, 1989, p. 4. Russell, por sua vez, define “apocalipse” como um conjunto de livros que tem um interesse acentuado pelo “mundo celeste, pelo curso (senão pelo conteúdo) da história judaica e pelo destino do mundo e dos indivíduos dentro dela, e afirma que essas coisas se deram por revelação direta de Deus mediante sonhos ou visões ou pela ação de anjos”. Cf. RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*, p. 34.

celestial (que ele chama de tipo I) e apocalipse com viagem celestial (tipo II). Cada um destes tipos, por sua vez, poderia ser subdividido por seus elementos escatológicos: a) o tipo histórico, que inclui algum tipo de revisão da história, uma crise escatológica ou uma escatologia cósmica e/ou política; b) apocalipses sem revisão histórica, mas com escatologia cósmica e/ou política; c) apocalipses que não apresentam nenhuma revisão histórica ou transformação escatológica, mas somente escatologia pessoal.<sup>8</sup>

Em função da definição proposta, Collins entende que só existem dois apocalipses dentro da Escritura cristã: um na primeira parte (Daniel 7-12) e outro no final da segunda parte (Apocalipse de João). Entre esses dois textos, muitos outros utilizaram a mesma forma de se expressar sobre o mundo, apesar de em seus contextos primeiros não serem conhecidos tecnicamente como “apocalipses”. Entretanto, isso não significa que não se possa denominá-los dessa forma.<sup>9</sup>

É justamente na forma desses textos se expressarem que se detém Russell. Segundo ele, esses autores se preocuparam essencialmente em escrever sobre cosmologia, história e escatologia.

A visão cosmológica dos apocalipses confunde-se com astrologia ou astronomia. A preocupação era entender a ordem do universo, os segredos da criação do mundo, e como os astros do universo poderiam interferir no mundo das pessoas. Posteriormente, as descrições celestiais se tornaram mais rebuscadas. As especulações em torno do mundo celestial geraram

---

<sup>8</sup> Isso faz com que este autor agrupe os apocalipses conhecidos pelos estudiosos em seis diferentes grupos: Apocalipses históricos sem viagem celestial – Este seria o mais evidentemente reconhecido como um apocalipse. Em alguns contextos, eles funcionam como base para a generalização sobre apocalíptica. Estão circunscritos a um pequeno grupo de obras judaicas, tais como Daniel 7-12; o Apocalipse Animal; o Apocalipse das Semanas; Jubileus 23; 4Esdras; e 2Baruque. Apocalipses com escatologia cósmica e/ou política, sem revisão histórica ou jornada celestial – Para Collins, “o mais óbvio exemplo deste tipo é o livro cristão de Apocalipse de João”. Apocalipses apenas com escatologia pessoal e sem jornada celestial – Este tipo só aparece em obras cristãs (5 Esdras 2.42-48; Testamento de Isaías 2-3a; Testamento de Jacó 1-3a; Questões de Bartolomeu e Ressurreição 8b-14a) ou gnósticas (Apocalipse de Adam; Sofia de Jesus Cristo; Apócrifo de João; 1Apocalipse de James; Apocalipse Gnóstico de Pedro; Pistis Sofia IV). Apocalipses históricos com jornada celestial – Este tipo é muito raro. Poderia ser visto no Apocalipse de Abraão, e no tardio Sefer Hecalot (3Enoque). Apocalipses de jornada celestial com escatologia cósmica e/ou política – Poderia ser encontrado em textos de origem judaica (1 Enoque 1-36; Semelidades de Enoque; Luminárias Celestiais; 2 Enoque e Testamento de Levi 2-5); cristã (Apocalipse de Esdras; Ascensão de Isaías 6-11; o Apocalipse da Virgem Maria; e Apocalipse de Paulo); ou gnóstica (Paráfrase de Shem). Apocalipses de jornada celestial com escatologia pessoal – Incluem-se 3 Baruch, Testamento de Abraão 10-15 e Apocalipse de Zefanias (judaicos); Testamento de Isaías 5-6, Testamento de Jacó 5, Zosimus, o Apocalipse da Santa Mãe de Deus sobre os castigos, o Apocalipse de James o irmão do Senhor, Os mistérios de Santo João o Apóstolo e da Virgem Maria, Ressurreição (Bartolomeu) 17b-19b e Apocalipse de Sedraque (cristãos); Apocalipse de Paulo (gnóstico). Cf. COLLINS, John J. *Introduction: towards the morphology of a genre*, p. 13-5.

<sup>9</sup> Apesar de, possivelmente, Daniel 7-12 não poder ser considerado o mais antigo apocalipse, já que há seções de Enoque que podem lhe ser anteriores (1Enoque 1-36, O Apocalipse das Semanas e o Livro das Luminárias Celestiais). Cf. COLLINS, John J. *The jewish apocalypses*. In: *Semeia*, 14, 1979, p. 30.

as descrições dos céus, dos seus personagens, bem como do trono ou carruagem de Deus. Nessas obras, Deus aparece tão distante das pessoas que necessitará de toda uma constelação de seres para fazer a ponte entre o mundo dos homens e o seu trono.<sup>10</sup>

A história também está em torno dessa visão de Deus. Para eles, Deus é soberano sobre a história, e a controla completamente. Ele criou o universo e está dirigindo a história para o seu fim. Com a preocupação histórica, surgiu a necessidade de sistematizá-la em períodos ou etapas, para indicar o controle de Deus sobre ela, bem como situar o leitor do livro no lugar em que se encontra no esquema histórico geral. Isso, bem como a estratégia de profecia *ex eventu*, propiciava ao visionário a possibilidade de prever os acontecimentos que estariam por vir. Sua visão histórica, por ser sistematizada, revela-se predeterminada. É uma forma cética e negativa de entender o contexto. Não há muito que o ser humano possa fazer, a não ser aguardar a intervenção de Deus para trazer o seu reino. Apesar de esse esquema ser eminentemente pessimista, ele trazia certo conforto para a audiência das comunidades em torno dos apocalipses. A história estava predeterminada por Deus. E dentro em breve ela chegaria ao fim. O sofrimento não continuaria por muito mais tempo.

Como argumenta o mesmo Collins num texto mais recente, “o principal impacto político da literatura apocalíptica não está em nenhum programa que possa implicar no futuro, mas em sua rejeição e condenação da presente ordem”.<sup>11</sup>

Já a escatologia desses textos, segundo Russel, poderia ser dividida em “três ‘atos salvíficos’ operados por Deus e dados a conhecer por revelação divina: sua Criação, seu controle da história e a vinda do seu Reino. E os três eram essencialmente uma só coisa”.<sup>12</sup> O conteúdo dos apocalipses poderia ser resumido nas ações: Deus criou, organizou e estruturou todas as coisas; isso levará a história a seu termo, bem como à implantação do Reino de Deus no futuro.

Dentro desse tema, os apocalipses registram:

- As dores de parto messiânicas. Para que o fim da história humana chegasse ao seu termo, eram necessárias as aflições dos últimos dias. Eram dias em que o mal perseguiria como nunca antes o povo de Deus, já renunciando que os seus dias estariam no fim. Para eles, um pouco antes do fim, dias muito sombrios precisavam acontecer (como os seus

---

<sup>10</sup> RUSSELL, D. S., op. Cit., p. 116.

<sup>11</sup> COLLINS, John. Temporalidade e política na literatura apocalíptica. In: *Oracula*, 2, 2005, p. 17,18. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/04collins.pdf>>. Acesso em: 1 de outubro de 2005.

<sup>12</sup> RUSSELL, D. S., op. Cit., p. 125.

próprios tempos). Uma grande tribulação viria antes do Reino de Deus;

- Sobre o Reino de Deus, três perspectivas gerais se sobressaem. Um reinado na terra transformado; um reinado temporário na terra, seguido do reinado definitivo; e, em alguns momentos, um reinado completamente transcendente;

- A transcendência da morte. Os apocalipses exprimem a crença de que haveria algo mais após a morte, baseando essa perspectiva no caráter de Deus. Paralelo a isso, havia a convicção de que a outra vida era muito superior à vida cotidiana. O destino final das pessoas estava relacionado com o lado que ela escolheu para servir na terra;

- Junto com a perspectiva da vida após a morte, surgiram também as especulações sobre a natureza dessa vida, o tipo de corpo que se teria ou em que lugar se habitaria;

- Os apocalipses exprimiam a crença na ressurreição dos mortos, isso porque muitos dos seus conterrâneos estavam morrendo debaixo da perseguição estrangeira. Os justos, em função do caráter justo de Deus, deveriam voltar à vida para receber o benefício do seu martírio;

- A esperança de um juízo final, um dia em que os justos receberiam seu prêmio, e os maus, a conseqüência de suas maldades.<sup>13</sup>

A partir das ponderações desses autores, não teríamos dificuldades em situar o livro de João como um “apocalipse”.<sup>14</sup> O livro se insere numa corrente literária que se estenderia para cerca de três séculos a.C., com acentuada produção em torno da Guerra dos Macabeus, e avivada depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, na Guerra Judaico-romana.<sup>15</sup> Nas palavras de Kümmel:

O material mítico, os números secretos, as visões e os fenômenos do céu como meios a serviço da revelação de coisas do mundo do além, a representação das visões através de imagens fantásticas e ricamente embelezadas, bem como a freqüente dependência do AT caracterizam o Apocalipse como uma obra pertencente ao mesmo gênero literário dos apocalipses judaicos.<sup>16</sup>

Collins argumenta, entretanto, que um apocalipse não precisa ser, necessariamente, uma obra como um todo, podendo ser uma seção dentro de um texto maior. Neste caso, seria possível apontar uma natureza distintiva especificamente para o cap. 12 de Apocalipse, que formaria outro tipo de texto? Seguindo a definição apresentada, a narrativa do Dragão e a

<sup>13</sup> RUSSELL, D. S., Idem, *ibidem*, p. 125-32.

<sup>14</sup> COLLINS, Adela Yarbro. The early Christian apocalypses. In: *Semeia*, 14, 1979, p. 70. Para Collins, o Apocalipse de João é um “apocalipse” histórico, sem a presença de viagem celestial.

<sup>15</sup> LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 240.

<sup>16</sup> KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 602.

Mulher é (a) uma literatura de revelação; (b) apresenta uma estrutura narrativa; (c) revela uma realidade transcendente; (d) considera a salvação escatológica; e (e) envolve outro mundo sobrenatural. Entretanto, não está explícita no texto a mediação de um ser sobrenatural, com exceção, talvez, da voz anônima que canta o hino de vitória nos versos 10-12.

Do ponto de vista de conteúdo, o texto apresenta contribuições para a cosmologia, a história e a escatologia. Estão presentes temas como as dores de parto messiânicas, o reino de Deus, a transcendência da morte e o juízo de Deus, inserindo-se nas discussões tradicionais dos apocalipses.

Talvez a ausência do elemento da mediação sobrenatural possa ser compreendida à luz da discussão das fontes da narrativa. Se essas fontes não se apresentavam na forma de apocalipses, no seu contexto atual alguns elementos do gênero podem não estar presentes.

### ❖ **Escatologia e Apocalipse**

Escatologia é uma referência, primeiramente, às últimas coisas. Esse sentido está dentro do próprio nome. É o estudo das últimas coisas.

Falar sobre o fim, entretanto, só é possível enquanto estivermos falando de Deus. E, nesse caso, logo percebemos que há limites claros para uma discussão escatológica. Sendo Deus inexaurível, e o discurso teológico falível, o segundo não pode esgotar o primeiro. Neste sentido, nosso falar sobre escatologia é sempre provisório e condicionado.

A escatologia gerada em contexto cristão tem algumas marcas que a torna distinta da escatologia gerada no seio das outras religiões. Ela gira em torno de Cristo. Com isso, sua impostação ou centro de pensamento não está exclusivamente no além ou na vida futura. A escatologia cristã discute o futuro e a vida além, mas tem braços e foco no presente e no passado cristão. No passado, por causa de Cristo. No presente, por causa de nós.

Essa escatologia cristã tem como berço a escatologia judaica. Poderíamos até falar em escatologia judaico-cristã. Para o Antigo Testamento, ela significa a vira escatológica, aquele momento em que a realidade de Deus invadiria a realidade humana para alterá-la definitivamente.

Os autores bíblicos imaginavam sua existência tão diferente dos projetos iniciais de Deus, que acreditavam que apenas uma intervenção divina poderia reconduzir todas as coisas ao fim intentado pelo Criador. Todas as coisas, neste caso, não significavam apenas o povo de Deus, mas todo o planeta, todo o universo, toda a Criação.

Aplicando essa mensagem a Jesus, o Novo Testamento argumenta que Cristo é aquele

que principiou o fim. Ele deu início ao “éschatos” de Deus.

É justamente em função disso que Apocalipse e Escatologia se encontram tão intimamente ligados. O primeiro é o gênero por excelência da segunda, que, por sua vez, tem sua mais plena expressão nas visões apocalípticas.

### ❖ Escatologia no Apocalipse de João

Para ilustrar aquilo que tecemos até agora, vamos nos debruçar sobre uma porção daquele que, certamente, é o mais conhecido Apocalipse da tradição cristã: o Apocalipse de João. Especificamente, o seu cap. 15.<sup>17</sup>

Poucos eventos foram tão significativos para o povo de Israel quanto o êxodo, a saída maravilhosa do Egito, a terra da escravidão. Por séculos, foi usado para produzirem esperança e confiança na ação poderosa de Deus, principalmente quando uma situação de opressão se avizinhava.

O objetivo, agora, é analisar o cap.15 de Apocalipse, verificando como ele resgata um tema do Antigo Testamento - o êxodo - e o atualiza na sua comunidade, com o uso das imagens e dos símbolos recolhidos da tradição literária apocalíptica. Várias imagens do êxodo foram retomadas, como as pragas, o mar, o cântico de Moisés, a tenda do tabernáculo e a destruição dos agentes de opressão. O resultado é uma nova narrativa de libertação, um novo êxodo, desta vez não apenas para uma terra que mana leite e mel, mas para aquela que manaria a própria glória de Deus.

Os caps. 12 - 16 de Apocalipse são muito importantes para a estrutura do livro.<sup>18</sup> Seu núcleo é formado por uma série de três sinais vistos no céu. O primeiro deles (12.1) - “... *no céu um sinal extraordinário...*” - uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e doze estrelas na cabeça. O segundo (12.3) - “... *no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho...*”. O terceiro sinal só vai aparecer em 15.1: “...*outro sinal, grande e maravilhoso...*”. Apesar de desproporcionais em espaço no livro, os três sinais estão diretamente interligados. É verdade que essa desproporção desaparecerá se virmos o primeiro sinal estendido aos filhos da mulher, o dragão, aos seus dois animais, e os sete anjos, às suas sete taças de juízo.

---

<sup>17</sup> Esta parte do texto é adaptada do artigo que escrevi para a Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (MIRANDA, V. A. Um novo êxodo na direção da terra que mana a glória de Deus – Apocalipse 15. In *Ribla* 50, Petrópolis: Vozes, 2005, p. 222-8).

<sup>18</sup> Adela Collins denomina este bloco literário de “primeira série inumerável”, que vai de 12.1 a 15.4. Cf. Adela Yarbro Collins, *The combat myth in the book of Revelation*, Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2ª. edição, 2001, p.28.

No seio dos três sinais, a mulher ocupa o lugar central, já que é ela que dá origem à série. É ela que gera o filho, que destruirá o dragão e as bestas. É também ela que enfrentará o dragão, por meio de seus descendentes, que, apesar de serem perseguidos pelos agentes do dragão, o vencem mediante o testemunho, para, finalmente, cantarem o cântico de Moisés e do Cordeiro (15.3,4).

O segundo sinal - o dragão -, desdobrado em bestas, representa os inimigos do povo de Deus, na figura de estruturas político-religiosas opressoras. O terceiro sinal - os anjos com as taças - representa o juízo de Deus sobre os inimigos do povo de Deus. Pela linguagem das taças, eles formam um novo êxodo.<sup>19</sup> Tal qual tirou Israel do Egito, Deus libertará os cristãos e cristãs das bestas.

Neste caso, os caps.12 - 16 de Apocalipse são uma espécie de dramatização histórico-simbólica da crise que João percebia na sua sociedade. Era uma crise que, naquele momento, era percebida apenas por ele e talvez por um círculo de companheiros de tribulação.

O terceiro sinal - cap. 15 - é definido como sete anjos. O número sete já apareceu em vários lugares do livro (sete igrejas, sete selos, sete trombetas), e volta a aparecer agora na forma de juízo. Reforçado pelo verbo “consumar”, o esquema sugere que estas são as últimas pragas de Deus, ou as suas pragas definitivas. O evento de libertação provocado por pragas, tipificado pelo êxodo de Israel, não seria mais necessário. Essas são as últimas pragas porque este será o último êxodo do povo de Deus. Depois dele, um lugar definitivo de descanso terá sido alcançado na forma da Nova Jerusalém.

Os dois primeiros sinais revelariam o motivo da crise entre as estruturas político-sociais do contexto joanino e os cristãos.<sup>20</sup> O terceiro anuncia o juízo de Deus sobre essa mesma estrutura. Por isso, mais do que explicar a situação contemporânea, estas narrativas deveriam provocar esperança numa libertação de Deus, tal como no êxodo do Antigo Testamento.<sup>21</sup> O que Deus faria com eles seria um novo êxodo, desta vez para a cidade que desceria do céu, a terra que manaria a glória do próprio Deus.

Algumas marcas caracterizam este sinal visto no céu. Ele é outro (allos), mas não é um outro diferente (heteros), e sim de essência similar. Com isso, ele é expressamente ligado aos

---

<sup>19</sup> RICHARD, Pablo. “As pragas na Bíblia – Êxodo e Apocalipse”, em *Concilium*, Petrópolis: Vozes, vol.273, 1997, p.57-66. Um quadro ampliado da relação entre deserto e projeto de libertação pode ser encontrado neste mesmo autor, em Pablo Richard, *Apocalipse, reconstrução da esperança*, Petrópolis: Vozes, 1996, p.181-2.

<sup>20</sup> RICHARD, Pablo, op. Cit., p. 64.

<sup>21</sup> FERREIRA, Joel Antônio. “É possível rezar em tempos de perseguição? A liturgia da vida no Apocalipse”, em *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, vol. 35, 1996, p.64.

outros dois sinais - a mulher e o dragão - e carrega toda a natureza simbólica dos outros dois. Se a mulher representa o povo de Deus, e o dragão, os agentes de opressão, os sete anjos representam o juízo de Deus sobre esses agentes de violência. Com isso, fecha-se o ciclo dramático que João acreditava estar para vir sobre as comunidades cristãs do seu tempo. A série de três sinais identificou a origem da perseguição - a derrota do dragão - e aponta o fim da mesma, quando seus agentes seriam definitivamente punidos.

Este terceiro sinal também está no céu, o que indica a natureza visionária do texto. Mas também é sinal do dualismo cosmológico do autor. As ações que se passam no céu têm conseqüências reais na terra. É uma via de mão dupla. Essas mesmas taças já apareceram antes (7.1) repletas das orações dos santos. Neste caso, foram as orações dos santos que encheram as taças, possivelmente com seu grito por justiça, gerando a ação de transbordamento que está para acontecer.

**Hino de justificação.** A segunda marca de transição do texto (*kai eidon*) aparece para introduzir o cântico de Moisés e do Cordeiro, um cântico que tem a função de justificar os terríveis juízos que seriam derramados sobre os ímpios. Este é o cântico mais bem estruturado do Apocalipse. Suas estrofes poéticas podem ser percebidas facilmente, e pode-se imaginar sua recitação no contexto do culto das comunidades cristãs.

O ambiente do cântico nos céus é um mar de vidro misturado de fogo. Esse mar de vidro já havia aparecido previamente (4.1-2) e era o local do trono de Deus. É em torno desse trono que João vê os vencedores. São aqueles que venceram por meio do testemunho e do sangue do Cordeiro, caracterizados por três marcas visíveis.

*Os vencedores venceram o animal.* - No caso em questão, o derrotado é o animal levantado do mar pelo dragão. É a primeira besta. Não se menciona explicitamente o segundo animal neste contexto, mas não é necessário, já que ele era apenas o representante profético da primeira besta. Se esta cair, seu profeta também cairá. Além disso, ele pode ser visto na sua também derrotada imagem.<sup>22</sup> A vitória sobre o animal se configura na vitória sobre sua imagem (seu representante, e todas as suas marcas visíveis de poder e opressão) e sobre o numeral do seu nome. Esse numeral parece ser uma referência ao número 666, mencionado no cap. 13. Naquele contexto, sua menção era um código que apontava para um personagem político da época de João.<sup>23</sup> Sem poder nominar explicitamente o agente de opressão, usa-se

---

<sup>22</sup> Para Carlos Mester, a besta é o império, a imagem é a sua propaganda ideológica, e o seu número é uma referência ao culto imperial. Cf. Carlos Mester e Francisco Orofino, *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*, Petrópolis: Vozes, 2002, p.284.

<sup>23</sup> FERREIRA, Joel Antônio. “É possível rezar em tempos de perseguição?”, p.55.

um código para tanto. Mas, se ele jaz derrotado, não é mais necessária essa estratégia. Não faz mais sentido usar um numeral que o defina, pois ele perdeu a identidade.

*Os vencedores estão sobre o mar de vidro.* - A referência ao mar de vidro só aparece duas vezes no Novo Testamento. Ambas em Apocalipse. Antes ela havia aparecido em 4.6, descrevendo o espaço em torno do trono de Deus. Com isso, localiza-se a esfera em torno do qual este cântico está sendo entoado, mas não se esgota a expressão. Se o cântico é de Moisés, a referência ao mar diante do qual ele é cantado é substancial. A referência é quase imediata ao cântico entoado diante do Mar Vermelho após a derrota de Faraó e seu exército (Êx 15.1 4,11,17,18).<sup>24</sup>

Ali, diante do Mar, Moisés cantou um cântico de libertação, antes de iniciar com a comunidade de recém-libertados sua caminhada em direção à Terra Prometida. Em Apocalipse 15, a comunidade de vencedores cantará sobre o Mar de Vidro, que a separa definitivamente do alcance dos seus opressores. No Êxodo, Miriã cantou com um tamborim. Os vencedores cantarão com suas harpas recebidas de Deus. Eles cantarão para também iniciar a caminhada definitiva na direção da cidade prometida, a Nova Jerusalém, que dentro em breve baixará do céu. Entretanto, eles não precisariam viajar pelo deserto para chegar lá. Eles já vinham de lá (Ap 12.14). Afinal, foi para o deserto que a mulher precisou fugir da presença do dragão, onde gerou seus filhos, esses que venceram o animal e seu profeta.

*Os vencedores têm as harpas de Deus nas suas mãos.* - Mesmo diante de uma crise percebida, não concreta, poder-se-ia esperar que João visse espadas nas mãos dos vencedores, por causa do contexto bélico das visões. Pelo menos é assim que a imaginação popular esperaria ver um vitorioso. Ele deixaria que todos vissem a arma que precisou empunhar para, com maestria, vencer seus inimigos. Esses vencedores do mar de vidro, entretanto, estranhamente, não portam espadas ou escudos, mas harpas (*kítaras*, como as atuais guitarras). Eles não venceram com armas humanas, mas com seus louvores a Deus. Logo à frente, a referência às taças remeterá os ouvintes às orações dos santos, instrumentos que efetivamente geraram as trombetas sobre os opressores do povo de Deus (8.1-4), e agora causarão as pragas últimas sobre sua cabeça. Essa era a arma que a comunidade de João deveria usar: louvores. João não recomendou a espada, porque com ela os adversários levariam a melhor. Com harpas nas mãos, o povo venceria o animal.

Rapidamente a memória dos ouvintes deste texto poderia se lembrar de uma cena onde

---

<sup>24</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis – Visión de un mundo justo*, p.130; MESTER, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João*, p.284.

a arma também foi colocada de lado, quando o próprio Jesus pediu para Pedro abaixar a espada (Lc 22.50-1). Não seria com ela que ele venceria a batalha. Violência produziria mais violência. O elo precisava ser quebrado. E isso aconteceu quando ele, como ovelha que segue para o matadouro, se entregou (At 8.32s). Paulo irá argumentar que as armas cristãs não são humanas, mas são poderosas para destruir fortalezas (2Co 10.4). São harpas, sim, mas são como canhões quando empunhadas pelas testemunhas do Cordeiro. Pela visão de João, os adversários dos santos experimentaríamos na pele o poder das poderosas harpas de Deus e dos louvores de quem as empunham. Quando o cântico começa, nota-se seu arranjo preciso. Isso faz com que logo suspeitemos que esse era um cântico cantado pelas comunidades cristãs, talvez adaptado mesmo do Antigo Testamento.<sup>25</sup> Ou, pelo menos, facilmente passaria a ser cantado a partir de então. Ele é composto por uma doxologia (formada por duas estrofes estruturadas em paralelismo sinonímico), uma seção retórica (formada por duas perguntas retóricas), e o responsório (formado por três expressões de louvor).

A doxologia segue um padrão fixo. Uma expressão de adoração - grandes e admiráveis as tuas obras, e justos e verdadeiros os teus caminhos -, seguida de uma invocação - Senhor, Deus todo-poderoso, e Reis das nações. Estas expressões, apesar de cantadas no céu, representam uma expressão de fé na terra. Lembramos, novamente, que as ações do céu se manifestam na terra, e vice-versa. Neste caso, quando uma comunidade cristã, diante de um contexto opressor, reluta em aceitar a autoridade desse governo, entregando-a para Deus, está se envolvendo num ato político.<sup>26</sup> Deus é todo-poderoso e rei das nações. O governo terreno, não. Era uma expressão de fé que ia além das circunstâncias. Para que pudessem cantar isso, eles deveriam tirar os olhos da mão que os oprimia, e subir ao céu, junto com João, para proclamar que Deus era rei e imperador de fato. Qualquer governo humano era apenas um animal vencido que só aguardava seu castigo, que viria em breve na forma das sete taças.

**Cerimônia de investidura.** Finalmente, após o hino, abre-se a terceira parte preparatória das sete taças. É uma espécie de cerimônia de investidura, com toda a força dramática, que cenas como essa podem ter. Os anjos serão investidos pelo ser vivente - outro personagem da liturgia celestial de Ap 4.1,2 . A perícopé é anunciada com a expressão “e vi depois coisas”. E o que João viu? Ele viu três ações no céu, seguidas de dois resultados imediatos, e um terceiro desdobrado em sete taças.

---

<sup>25</sup> MORRIS, Ashcraft, em Clifton J. Allen (ed.), “Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento”, v. 12, Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p.377.

<sup>26</sup> FERREIRA, Joel Antônio. “É possível rezar em tempos de perseguição?”. p.61-2.

João viu, primeiramente, o santuário do tabernáculo do testemunho se abrir. Essa tenda do testemunho é outra referência a Moisés e aos peregrinos do deserto. A tradição judaica acreditava que o tabernáculo, que serviu de modelo para o templo de Salomão, fora construído segundo modelo celestial contemplado por Moisés (Êx 25.40). Esse tabernáculo possuía um santuário, onde se via a arca da aliança, ou do testemunho. Acreditava-se que era nesse lugar, o Santo dos Santos, que Deus habitava. É desse santuário que sairão os sete anjos que operarão as sete pragas do êxodo final. É outra maneira de dizer que as últimas pragas sairão da morada de Deus, ou, simplesmente, da sua presença.

Como se pode perceber pela estrutura do texto, cada uma das ações é anunciada pela partícula aditiva “e” (*kai* abriu, *kai* saíram, *kai* deram), e como sujeito da segunda ação encontramos um conjunto de sete anjos. Eles saem diretamente do santuário, da presença de Deus, da sua arca e do seu testemunho. São anjos diferenciados, não apenas pelo local de onde saem, mas pela sua aparência. As vestimentas lembram o paramento sacerdotal usado para ministrar no santuário (Êx 39.1-2),<sup>27</sup> o que aponta para anjos ministradores.

A terceira ação é realizada por um dos seres viventes (cap. 4). Ele entrega aos anjos as taças repletas da ira de Deus. Ao compararmos essa cerimônia celestial com outra encontrada no livro (8.3), percebemos que são as orações dos santos que encheram as taças da ira. Os filhos e as filhas de Deus, com seus clamores por vingança, apressaram a chegada do juízo sobre seus adversários. Da mesma forma que as harpas aparecem no lugar da espada, as orações ocupam o lugar dos escudos. A melhor arma da comunidade cristã, segundo João, não era a resistência ativa aos agentes de opressão, mas a oração intensiva, que apressaria o seu fim. Com esta referência, novamente, o texto se reporta à experiência do êxodo de Israel. Naquela oportunidade, foi o clamor dos filhos de Israel que chegou até Deus, provocando a resposta divina (Êx 3.9). O clamor de Israel leva Deus a chamar Moisés da sua peregrinação por Midiã, para ser o agente das pragas destruidoras sobre o Egito. Em Apocalipse 15, é a oração dos cristãos e cristãs que enche a taça, que será entregue aos anjos para ser despejada sobre os opressores. As pragas são, então, as respostas de Deus aos clamores dos seus filhos por justiça.<sup>28</sup>

Finalmente, como resultado dessas três ações, o santuário se encheu de fumaça e foi fechado. Ele havia sido aberto em 11.19, para revelar outra temática do êxodo: a arca da aliança. A fumaça do seu poder e da sua glória impede que alguém se aproxime, da mesma

---

<sup>27</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. op.Cit., p.132.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p.133.

forma como o Antigo Testamento narrou a cerimônia de inauguração do tabernáculo (Êx 40.34,35). Não adiantaria mais clamar por misericórdia. O relógio das taças estava finalmente acionado. Uma a uma, elas deveriam despencar sobre a humanidade impenitente.

O resultado da ação das taças não está presente neste capítulo, mas pode ser antecipado pelo cântico de libertação. Mais uma vez, pragas seriam despejadas contra opressores para libertar o povo de Deus. Ele não deixará presos seus filhos e filhas. O lugar deles não é o deserto, o Egito, a Ásia ou qualquer outro lugar. O seu destino é a Nova Jerusalém que, finalmente, em vez de manar leite e mel, transbordaria da presença e da glória de Deus. Quando isso acontecesse, o santuário seria definitivamente aberto, para nunca mais fechar.

## Referências Bibliográficas

ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. In *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº. 34. Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal, 1999, p.7-29.

ASHCRAFT, Morris. Apocalipse. In ALLEN, Clifton J. (ed.) *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. v. 12. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, 458 p.

AUNE, David E. The prophetic circle of John of Patmos and the exegesis of Revelation 22.16. In *Journal for the study of the New Testament*, 37. London: Sage Publications, 1989, p.103-5.

AUNE, David E. *Word Biblical Commentary: Revelation 6-16*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998, 903 p.

COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and eschatology in jewish and christian apocalypticism*. Leiden: Brill, 2000, 261 p.

COLLINS, Adela Yarbro. *Crisis & catharsis: The power of the Apocalypse*. Philadelphia: The Westminster Press, 1984, 179 p.

COLLINS, Adela Yarbro. *The combat myth in the book of Revelation*. 2ª. ed. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001, 292 p.

COLLINS, John. Introduction: towards the morphology of a genre. *Semeia* 14, 1979, p. 1-19.

COLLINS, John J. The jewish apocalypses. *Semeia* 14, 1979, 21-59.

FERREIRA, Joel Antônio. É possível rezar em tempos de perseguição? A liturgia da vida no Apocalipse. In *Estudos Bíblicos* 35. Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal, 1992, p.54-67.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis: vision de un mundo justo*. Estella: Editorial

Verbo Divino, 1997, 216 p.

MIRANDA, V. A. *O que é escatologia?* Mk Editora: Rio de Janeiro, 2005. 93 p.

MIRANDA, V. A. Um novo êxodo na direção da terra que mana a glória de Deus - Apocalipse 15. In *Ribla* 50, Petrópolis: Vozes, 2005, p. 222-8.

RICHARD, Pablo. As pragas na Bíblia: Êxodo e Apocalipse. In *Concilium* 273, Petrópolis: Vozes, 1997, p.57-66.

RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. 196 p.

SUMNEY, Jerry L. The Dragon has been defeated - Revelation 12. In *Review and Expositor* 98/1. Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 2001, p.103-15.

VINSON, Richard B. The social world of the Book of Revelation. In *Review and Expositor* 98/1. Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 2001, p.11-33.